

Tibães:  
livros perdidos, elos encontrados  
Ana Isabel Líbano Monteiro

## Enquadramento

A antiga Livraria do Mosteiro de São Martinho de Tibães filia-se, pelo conteúdo e dimensão, nas grandes bibliotecas monásticas portuguesas do Antigo Regime. Indissociavelmente unida à casa que a albergava e aos destinos e vicissitudes por que passou a Ordem de S. Bento de Portugal, assume singular importância para o estudo da formação das elites religiosas. É espelho da vida quotidiana do mosteiro, da sua incidência nas povoações vizinhas e nas instituições e comunidades da sua tutela, fornecendo também pistas esclarecedoras sobre o alcance do mercado livreiro português setecentista no Norte do país<sup>1</sup>.

Decorrendo há mais de 20 anos a reabilitação do Mosteiro como espaço cultural, ambiental e lúdico, a reconstituição da Livraria impressa (cerca de 3.500 títulos), a realizar através do inventário elaborado por Frei Francisco de São Luís em 1798 – e conservado no Arquivo Distrital de Braga<sup>2</sup> – permitirá completar mais um ciclo da história, por vezes atribulada, de Tibães.

Prevendo-se a implementação no Mosteiro de um Centro de Informação sobre Ordens Monásticas e Jardins Históricos, a disponibilização deste acervo permitirá ilustrar mais uma vertente das rotas dos beneditinos portugueses<sup>3</sup>: a oração e a liturgia, as leituras e os estudos, a erudição e o apreço pelo livro, o dinamismo de uma biblioteca que foi organizada, apetrechada e renovada até às vésperas da sua extinção.



Cruzeiro do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. *Monumento Nacional*.  
Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

## Uma livraria de 30.000 volumes?

A Livraria de S. Martinho de Tibães albergaria, à data da exclausuração, entre 25.000 a 30.000 volumes, se fizermos fé da estimativa de Adrien Balbi, geógrafo veneziano, andarilho intelectual, “homem das Luzes”, que percorreu Portugal entre 1819 e 1820. Reconhecido como autor da primeira tentativa de ensaio estatístico comparativo sobre o Reino de Portugal, confrontado com os países da Europa<sup>4</sup>, Balbi revela-nos que só a biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz



Monges beneditinos em estudo e ouvindo o Abade. In *Annales Ordinis S. Benedicti* de Jean Mabillon. Paris, 1703. (Biblioteca Pública de Braga).

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

de Coimbra e a do Convento de Jesus em Lisboa ultrapassariam aquele valor. Mafra e Alcobaça, instituições congéneres, possuiriam entre 20.000 e 25.000. Refere ainda que a biblioteca do Colégio de S. Bento de Coimbra – “escala” necessária a estudantes e professores beneditinos (muitos oriundos de Tibães) que frequentavam a Universidade – possuía 15.000 volumes, entre os quais se encontravam “beaucoup d’ouvrages choisis relatifs à la littérature orientale”<sup>5</sup>. Perguntamo-nos se a informação prestada por Balbi não consideraria ainda neste total os 350 manuscritos<sup>6</sup>, bem como os numerosos periódicos portugueses de que os monges eram subscritores regulares, conforme atesta o Inventário de 12 de Maio de 1834<sup>7</sup>, mas que vêm exiguentemente referenciados no Índice da pena de Frei Francisco de S. Luís.

## Da Teologia latina do século XV à poligrafia inglesa do século XIX

A descrição da livraria e o seu conteúdo foram tratados em estudos anteriores<sup>8</sup> e apontam para uma biblioteca de referência, como condizia à Casa-Mãe da Congregação Beneditina Portuguesa. De acordo com os dados publicados e por ordem decrescente de existências, a Teologia alcançava mais de 40% dos títulos, seguindo-se a História e depois a Literatura; as Ciências e Artes disputavam o quarto lugar à Jurisprudência, deixando para o fim a Poligrafia<sup>9</sup>. No que respeita à cronologia das existências, as datas extremas ocorrem entre 1474 e 1829<sup>10</sup>, albergando o século XVIII cerca de 40% da produção editorial. Quanto às línguas, o latim é preponderante com quase 50%, seguindo-se o português, o espanhol mais abundante que o francês, depois o italiano e, quase inexpressivo, o inglês.

Edificada entre 1701 e 1704 e remodelada entre 1783 e 1789, a biblioteca beneditina muito ficou a dever aos “*cuidados, zelo e literatura*”<sup>11</sup> de vários prelados: Frei Manuel Caetano do Loreto<sup>12</sup>, Abade Geral de 1767 a 1770, Frei Joaquim de Santa Teresa<sup>13</sup>, que governou a Congregação em dois triénios sucessivos (1783-1789), Frei Bernardo da Esperança Teles<sup>14</sup> (1795-1798) e Frei Manuel de Santa Rita Vasconcelos<sup>15</sup> (1798-1801).

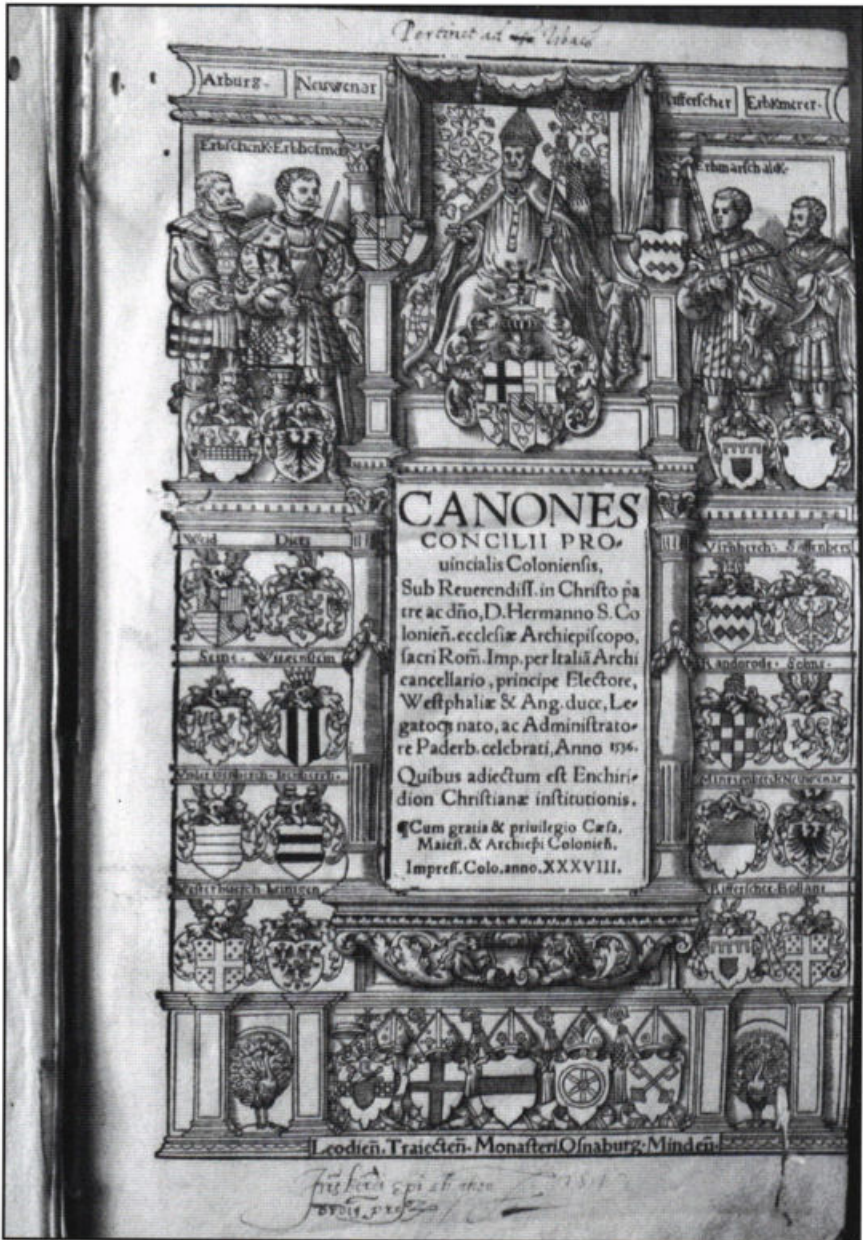
## As escolhas de Frei Francisco de S. Luís

Em boa hora o Abade Geral nomeia Frei Francisco de S. Luís para Secretário da Congregação. Escolha certa para arrolar e organizar com o saber *metódico* das “Luzes” a opulenta livraria à guarda dos beneditinos. Bom conhecedor do espaço e conteúdos desta biblioteca, desde jovem postulante, o futuro Cardeal Saraiva empenha-se com primor na aplicação dos seus conhecimentos taxonómicos aos 3.500 títulos impressos, a fim de facilitar a consulta a pastores e professores, visitantes e estudiosos, interessados ou simplesmente curiosos daquela comunidade. O êxito no percurso académico anterior, a versatilidade que o caracteriza, a docência da Matemática, a erudição adquirida – que mais tarde o levaria ao magistério da Teologia e ao assento na Academia Real das Ciências – estruturam-lhe o perfil para acometer esta tarefa que certamente o deliciaria. Integrava o pequeno núcleo beneditino pioneiro que se determinara a implementar, com a urgência do espírito científico e esclarecido da Ilustração, o novo *Plano de Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal*<sup>16</sup>.

A tábua do Índice que antecede as Classes de matérias e a ordenação a que submete as colecções revelam-nos um dos instrumentos bibliográficos setecentistas que terá servido de referência a Frei Francisco de S. Luís: trata-se da *Bibliographie Instructive* de De Bure<sup>17</sup>, largamente utilizada em França e em toda a Europa pelos amantes e comerciantes do livro. Os 6 volumes desta colecção, repertoriada na Classe de Poligrafia, existem na Biblioteca Pública de Braga – com pertence de Tibães<sup>18</sup> – e fazem-nos concluir que a minúcia na avaliação e nas escolhas registadas pelo futuro Cardeal de Lisboa – “*editio optima*”, “*rarissima*”, “*rarum pretiosum*” – muito devem a este manual de bibliofilia, aos contactos com académicos da sua roda literária e de pensamento, conhecedores do mercado livreiro internacional, e ao empenho dos abades mencionados anteriormente.

## As marcas de posse e os destinos dos livros

Surpreende-nos, contudo, que não lhe ocorresse “carimbar” os livros adquiridos com marca de posse tibanense, à semelhança dos cuidadosos cistercienses de Alcobaça cujos exemplares ostentam o respectivo timbre impresso. Na investigação realizada até agora, encontram-se *pertences* de Tibães manuscritos nas edições do século XVI e em raros exemplares do início do XVII. Com efeito, os “*pertinens ad Tibaens*”, frequentemente associados ao espólio do beneditino “Frei Mauro de Vila do Conde”, ocorrem por ocasião de uma das primeiras tentativas de organização da biblioteca e no período da reforma da Ordem e instituição da Casa-Mãe na segunda metade do século XVI. Temos ainda notícia dos *pertences* do abade Comendatário de Tibães e do Carvoeiro – D. Bernardo<sup>19</sup> – devidamente registados<sup>20</sup>. Está assim localizada uma centena de obras com identificação tibanense que se distribuem, actualmente, pela Biblioteca Pública de Braga, Biblioteca Pública do Porto e Mosteiro de Singeverga. Nalgumas surge também a referência ao “uzo” de outros monges, antigos possuidores de livros. Quando um beneditino falecia, o espólio era integrado na instituição que habitara. Caso existissem títulos “dobrados” na biblioteca do mosteiro, eram habitualmente vendidos ou trocados. A Livraria de Tibães, Casa-Mãe da Congregação, beneficiaria deste regulamento. O século XIX precipitará a dispersão ou “pulverização”? do acervo em circunstâncias conhecidas: o assalto ao mosteiro<sup>21</sup>, aquando das invasões francesas, liderado por Soult de que há relato<sup>22</sup>, os saques subsequentes, os monges egressos<sup>23</sup> e os particulares que tiveram acesso à Livraria beneditina na altura da extinção. Trata-se de um cenário difícil para reconstituir os destinos e localizar os milhares de exemplares à sua guarda. Por outro lado, os leilões de livros ocorridos nas décadas seguintes foram engrossados pelos numerosos fundos monásticos, mas só raramente se encontram catálogos impressos anotados com proveniência beneditina identificada, como é o caso da biblioteca do Mosteiro de Palme<sup>24</sup>.



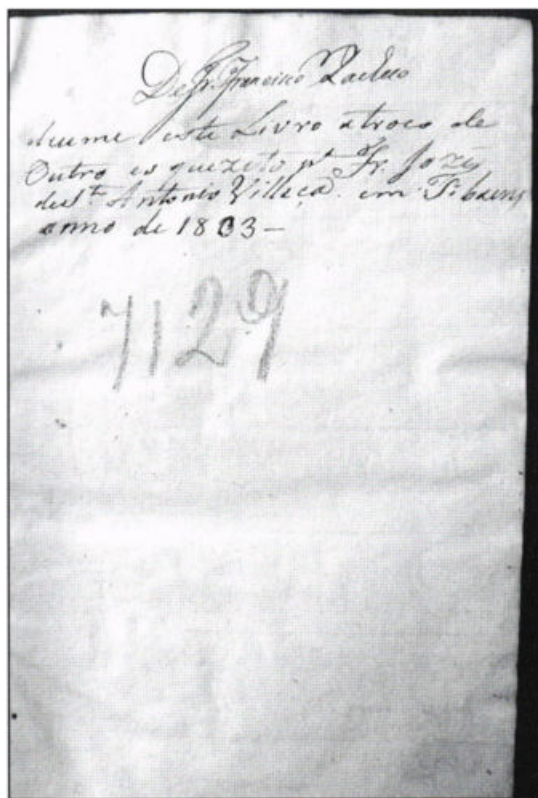
Marca de posse tibanense manuscrita na margem superior. In *Canones Concilii Provincialis Colonienfis*. Coloniae, Quentel, 1537. (Biblioteca Pública de Braga).

Fotografia de Jorge InácioMSMT

## O acervo beneditino

Variedade enorme: das Bíblias à Encyclopédie, dos Incunábulo às Gazetas literárias, das Ordenações aos Tratados de cirurgia e *Prática de barbeiros*, Livros de Arquitectura de Vitruvio e Serlio, Fábulas de Esopo e teatro cómico; *L'Art de parler* de Lamy, Arte de Cozinha e Arte de Canto-chão, sem esquecer a Conchiologia...

O Mosteiro de S. Martinho de Tibães beneficiava, desde 1772, de Autorização Régia para possuir livros proibidos<sup>25</sup>. Por outro lado, na Real Mesa Censória, fundada em 1768, figuram, desde o início, dois beneditinos<sup>26</sup>: Frei João Baptista



Exemplar da obra de Matias de los Reyes *Para algunos*. Madrid, 1640, pertencente a Frei Francisco Pacheco e que era de Frei José de Santo António Vilaça. (Biblioteca Pública de Braga).

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT



de S. Caetano, veterano que professara em Tibães a 16 de Abril de 1738 e Frei Francisco de S. Bento, Cronista da Congregação entre 1761 e 1768 e residente no Mosteiro de S. Bento da Vitória do Porto, ambos de orientação *maurista*, contemporâneos de Frei Joaquim de Santa Clara Brandão<sup>27</sup>. Tudo propiciava a aquisição das modernas edições e colecções em voga na Europa, com investimentos de vulto<sup>28</sup>, para dotar a já selecta Livraria de Tibães.

A título de exemplo, na Classe de **Teologia** merece destaque a escolhida colecção de cinquenta Bíblias, onde encontramos a Bíblia Hebraica, a Bíblia Árabe (*cum interpretatio interlineari*) dos prelos da Tipografia de Medicea de Roma, de 1591, a Bíblia Polyglota, edição de Londres de 1657, a Bíblia de Sixto V, fiel à Vulgata e adoptada desde o Concílio de Trento (em 10 variantes editoriais); as designadas *heterodoxas*: a francesa com prefácio de Calvino, datada de 1562, a castelhana de Cassiodoro Reyna<sup>29</sup>, peça original e rara, que viu a luz em 1569; a germânica de Lutero, em edição mais tardia (Hamburgo, 1708). Os comentaristas de Sagrada Escritura e Liturgia<sup>30</sup>, os tratados de Teologia Moral e Dogmática, Mística e Ascética, a Pastoral e a Polémica, bem como as extensas colecções da Parenética, recheavam as estantes. Por outro lado, o mosteiro era teatro permanente da carreira e formação teológicas de muitos



Biblioteca da Abadia Beneditina de Ligugé. França, 1933.

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

dos ingressados na Ordem. Entre outros, testam-no dois folhetos impressos, existentes na Biblioteca Pública do Porto, que recolhem provas académicas sobre Teologia Moral e Dogmática<sup>31</sup>.

Na Classe de ***Jurisprudência Canónica*** e privilegiando os autores beneditinos – aliás cuidadosamente assinalados com M.B. (monge beneditino) por Frei Francisco de S. Luís – encontramos a obra de Frei Bernardo de Braga<sup>32</sup>, com a *Primazia Monárquica de S. Bento* em edição de Rouen de 1662<sup>33</sup>, a bendita *Regra de S. Bento* em quatro edições (1499, 1520, 1586 e 1725), os comentários do beneditino Agustin Calmet às *Constituições dos Monges Negros*, os *Privilégios da Congregação de S. Bento de Portugal* por Fr. Paulo Touro. Na ***Jurisprudência***



Samuel Pufendorf (1632-1694). *Jurista germânico, teórico do jusnaturalismo.*

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

**Civil** regista-se a colecção de Manuel Álvares Pegas, com os *Comentários às Ordenações* (ed. 1699-1703), a extensa colecção de Grócio, *De Jure Belli et Pacis* (45 volumes) sobre o direito da guerra e da paz, o *De Jure Naturae et Gentium* de Samuel Pufendorf, teórico do Direito Natural (Frankfurt, 1744). Montesquieu com *L'esprit des Loix* (Amsterdam, 1788) e o *Repertório das Leis Extravagantes* (Coimbra, 1815) de Manuel Fernandes Tomás, também estavam à consulta.

A **História**, disciplina central para a academia erudita beneditina, particularmente após a reforma dos estudos, regista títulos diversificados: a tratadística relativa à Antiguidade encontra em Montfaucon<sup>34</sup> uma das referências principais com *L'Antiquité expliquée et représentée en figures* (Paris, 1719); as obras marcantes do século XVIII no espírito dos dicionários universais que estão bem representados com Martinière, *Dictionnaire Géographique et Historique* (Paris, 1768), os *Annales* de Mabillon (Paris, 1703) e a obra mais tardia, *Voyages dans l'intérieur du Brésil* (Paris, 1816) cujo título, para além de evocar o destino pastoral missionário da Congregação, nos revela as outras incursões dos homens do poder e do negócio no Novo Mundo para a exploração das riquezas mineiras e naturais ainda por desvendar.

No núcleo da **Literatura** – que albergava 411 títulos com 640 volumes – surgem-nos as gramáticas, os vocabulários, os glossários; um *Thesaurus Linguae Arabicae* (Milão, 1632), o primeiro dicionário de francês-português dos prelos dos Bertrand, logo após o Terramoto de Lisboa (1758) e *A Dictionary of the Portuguese and English* de Antony Vieyra Transtagano<sup>35</sup>; os “clássicos”, de que tomamos como exemplo em edição considerada **estimada** do poeta grego Píndaro, *Olympia, Nemea, Pythia, Isthmia* (Oxford, 1698). Alinha a primeira edição comentada de *Os Lusíadas* (Madrid, 1639) – preparada por Manuel de Faria e Sousa<sup>36</sup>, de particular valor iconográfico – com as obras de Dante (Veneza, 1564), Cervantes (Anvers, 1673), Gôngora, Molino, Lope de Vega e Shakespeare (Londres, 1768). Das raríssimas mulheres presentes nas estantes de Tibães, para além de Santa Teresa de Ávila e de Sórora Violante do Céu, referimos Bernarda Ferreira de Lacerda, senhora de Corte, filha do Chanceler-mor do Reino e que tem obra bilingue (*Hespaña Libertada*, 1673). Presente também a *Fénix Renascida*, em edição de 1716 e o poeta beneditino Jerónimo Baía, acompanhado por estrangeirados e autores da Ilustração. A estante das “Belas Letras” encerra com miscelâneas de provérbios, diálogos, ditos engenhosos e enigmas de que o primeiro título paradigmático é a *Emblemata* do jurisconsulto

André Alciati, com ampla divulgação em Portugal<sup>37</sup>. De João Baptista de Castro e abonatória do descanso dos monges, surge também a obra de lazer, *Horas de recreio em férias de maiores estudos* (Lisboa, 1750). Por fim, com folha de rosto artística, constavam os *Études de la Nature* (Bruxelles, 1792) de Bernardin de Saint Pierre, a testemunhar o alvor do romantismo.

Nas **Ciências e Artes** a atenção dirige-se para a *Encyclopédie*, lançada em França no ano de 1751, da qual os monges usufruíram da segunda edição (Lucques: Giunti, 1758), cujos índices vêm meticulosamente reproduzidos "par ordre de matières"<sup>38</sup>. A vasta "galeria" de *Mémoires e Abrégés, Trattatos e Letteres*, Tabuadas e Compêndios, Instruções e Métodos revelam a preocupação dos responsáveis do mosteiro pela aplicação da ciência e da técnica nascentes às necessidades e labores do quotidiano. A *Carta a um amigo sobre o estado actual da inoculação das bexigas* de Gualter Wade, "médico da Nação Britânica e do Real Colégio dos Nobres na Corte de Lisboa" (em tradução portuguesa de 1768), as obras completas de Medicina e Física do médico, professor e conselheiro do Rei da Prússia, Frederico Hoffman, *La Nouvelle Maison Rustique ou Economie Générale de tous les biens de Campagne* são outros tantos exemplos. Regista-se ainda a obra de Pedro Nunes, de ampla divulgação na Europa, *De erratis Orontii Finaei Mathematiciis* (Coimbra, 1573) em que o matemático português ousa denunciar os erros de Oronce Finé, famoso mestre do Real Colégio de Paris<sup>39</sup>. Figuram títulos de arquitectura e de arte (alguns comprados por Frei José de Santo António Vilaça) que serviram aos mentores e aos executores do imenso complexo beneditino e respectivo recheio: Vitruvio, Serlio, Vignola, Mariette e Jombert. Por outro lado, um dos deveres consagrados da Ordem beneditina era a hospedaria e o acolhimento de peregrinos – simples viajantes ou eclesiásticos – inspirado desde a origem pelo seu Fundador<sup>40</sup>. Disponha de espaços a eles destinados, para além das celas dos numerosos monges residentes<sup>41</sup>. Assim, o Mosteiro de S. Martinho de Tibães albergava mestres de noviços, educadores de gerações, directores espirituais e homens de "gosto", muitos deles originários de famílias da aristocracia nortenha<sup>42</sup>. Não estranhámos, por isso, que a Livraria fosse ilustrada e bem servida de títulos sobre civilidade, cortesia e educação: *Il libro del Cortegiano* de Baltasar Castiglione (Firenze, 1528) ou o *Tratado da Educação Fysica dos Meninos para uzo da Nação Portuguesa* (Lisboa, 1790). São também numerosos os livros que anunciam o gosto pelo coleccionismo e pela natureza, de que são bons expoentes o *Recueil des oiseaux* de Seligman (Nuremberg, 1768) ou *Les*

*delices des yeux et de l'esprit: Collection des Coquillages que la mer renferme* de George Knorr (Nuremberg, 1768).

Se percorremos as estantes da **Poligrafia** e as confrontarmos com o último Inventário conhecido da Livraria, confirma-se a existência de numerosos periódicos – que escaparam à voragem do povo ou dos liberais inventariantes<sup>43</sup> – e que atestam a preocupação da actualização permanente da comunidade beneditina no que respeita aos movimentos políticos, culturais e literários, e, muito em concreto, às novidades do mercado livreiro: *Journal des Savants (1665-1775)*, *Gazeta de Madrid*, *The Universal Magazine of Knowledge and Pleasure*, *The Mirror: A periodical paper*, *Jornal Enciclopédico*, *Mercúrio Universal*, *Telégrafo Português*, *O Investigador Portuguez em Inglaterra*, *Gazeta Literária*, *Gazeta de Lisboa* e a *Gazeta do Porto (1828-1829)*. Com efeito, periódicos e catálogos de alguns livreiros estrangeiros estabelecidos em Portugal, desde cedo anunciavam aliciantes títulos e colecções<sup>44</sup>.

## Livreiros que forneciam Tibães: Bertrand, Reycend, Du Beux e Borel

Os livreiros que forneciam Tibães eram os mesmos que serviam o Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança<sup>45</sup>: João José Bertrand, João Baptista Reycend, Claude Du Beux, José Agostinho Borel asseguram os livros das Luzes e os mais recentes tratados sobre ciência, direito e história. Encontramos referência a compras e permutas no *Livro do Recibo e Despesa da Livraria* que abrange o período, bem significativo, de 1758 a 1795<sup>46</sup>.

**João José Bertrand** – mercador livreiro – nascera em Monestrier de Briançon, em 1720 e veio para Lisboa com 16 anos. Casa com Madalena Faure em 1748 e muda-se para a casa do sogro na Rua Direita do Loreto. Pedro Faure deixar-lhe-ia, por morte, o negócio livreiro. A sociedade “Faure & Irmãos Bertrand” passa a denominar-se “Irmãos Bertrand”. Tibães comprara-lhes a *História Bizantina* por 135.600 reis, “quando lá estive de vizita o Rmo nos fins do ano 1770 com o dinheiro que ficou aplicado do Triénio passado para a Livraria”<sup>47</sup>.



## Transporte de livros por almocreve

Gravura de Christof Weigel (1654-1725), ilustrador germânico. In: DOMINGOS, Manuela – *Livreiros de Setecentos. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, p. 56.*

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

**João Baptista Reycend**, natural de Turim, filho de Pierre Reycend (nascido em Monestrier de Briançon), estabelece-se em Lisboa em 1756, data em que participa na sociedade "Dubeux e Reycend", sediada na Rua Nova de S. Bento, bem perto do mosteiro beneditino da capital. Dubeux e Reycend venderam para Tibães as extensas colecções de Bossuet, Muratori e Lanfrani<sup>48</sup> no ano de 1773.

**José Agostinho Borel** era natural dos Altos Alpes e veio para Lisboa onde fixou residência na rua Direita do Poço dos Negros, estabelecendo sociedade com Jorge Rey – “Borel & Rey” – em 1762. Foi a ele que Tibães comprou a obra de Justiniano, também em 1773<sup>49</sup>.

Estes e outros estrangeiros – dinastias de livreiros cujos percursos têm sido estudados e divulgados<sup>50</sup> – eram quase todos franceses, originários do Delfinado (zona de Lyon). Desde os anos 30 do século XVIII mantêm fornecimento regular a Portugal. Muito embora a turbulência das Invasões e a proscrição dos franceses no final do século viessem a atingir o negócio, não se travou a determinação de alguns a recorrerem à legalização do seu labor, recuperando a confiança dos clientes ao longo de todo o território nacional. As remessas regulares dos livros desde Lisboa até Tibães – empacotados e emalados em caixotes e *balas* – realizavam-se através dos meios de transporte habituais: barco, carro de bois, mula, galegos, almocreve, recoveiro. Assim o registam os monges beneditinos, com o detalhe que os caracteriza, desde o ano 1766:

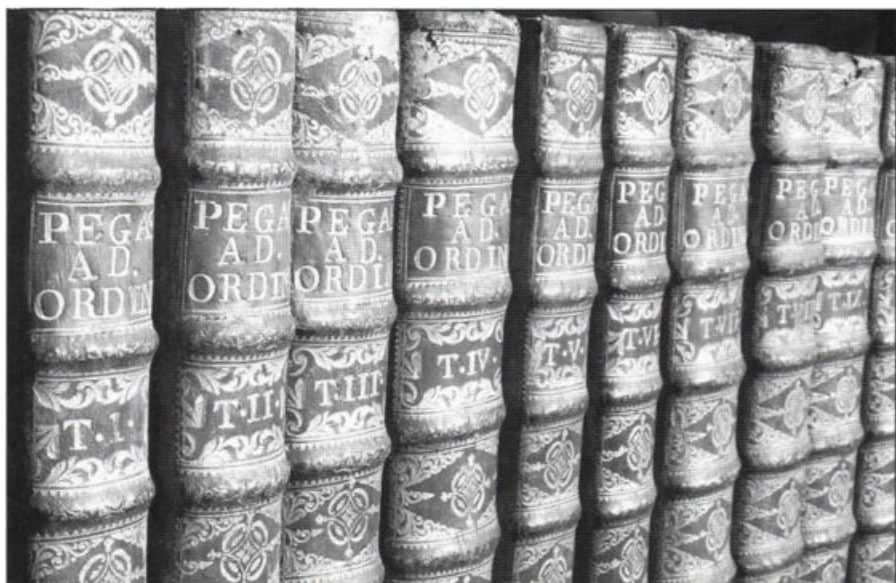
*“Dei para o caixote em que vieram estes livros setecentos reis: para quem o levou ao recoveiro<sup>51</sup> oitenta reis: da porta de Lisboa até Braga quatro mil reis que tudo importa 4.780 rs [...] Dei para o caixão em que vieram os ditos livros oitocentos reis: condução até a Rib[eira] duzentos reis: de recovage de Lisboa até Coimbra dois mil e duzentos e quarenta; de Coimbra até ao Porto mil trezentos e setenta que soma tudo 4.610 rs[...] Dei para o feitio e gastos de dois caixões em que vieram de Lisboa estes livros: Despacho da Meza Censória, portagem, frete de bordo, barco e galegos que os trouxeram, dois mil trezentos e cinquenta reis”<sup>52</sup>.*

## Preservação e guarda dos livros

Mas não ficavam por aqui os cuidados do monge bibliotecário que mereceriam maiores delongas. Os materiais utilizados na encadernação e no restauro revelam-nos uma biblioteca dinâmica e uma preocupação permanente na preservação do património à sua guarda:

*“Dei para o conserto de umas Bíblias e um tomo do Montfaucon cento e vinte reis”<sup>53</sup>; “dei para a encadernação de um Missal beneditino antigo em vermelho*

trezentos reis<sup>54</sup>; “Para umas horas antigas manuscritas com estampas finas feitas à mão, 1600<sup>55</sup>; “Dei para o carro de duas mulheres que foram a Braga buscar livros que estavam a encadernar em casa do Livreiro<sup>56</sup> cujas encadernações ainda se ficam devendo que são as Enciclopédias 120 reis”; “Dei para os ferros<sup>57</sup> dos livros, para cinco carneiras<sup>58</sup>, por tingir couros, por uma mão de papel pintado<sup>59</sup>, por papel vermelho, por linhas, por uma guita, por um arrátel<sup>60</sup> de cola, para oito pastas<sup>61</sup> para um surrador<sup>62</sup>, para duas bezerras<sup>63</sup>, para marroquim<sup>64</sup> [...], para ouro para os livros; dei para um Livro de Ouro [...]<sup>65</sup>.



Encadernações do séc. XVIII. Coleção particular da obra do jurista Manuel Álvares Pegas. Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

As quatro chaves de acesso à biblioteca estavam confiadas ao Abade Geral, ao Prior, ao Procurador e ao monge bibliotecário. Ocupando um lugar privilegiado do mosteiro, mesmo ao lado da Sala do Capítulo, a Livraria era “*uma das suas mais nobres Oficinas*” e estava virada a Sul, sobre o horto e o monte sobranceiro de S. Gens:

“*Tem três grandes janelas que caem sobre a cerca, e lhe dão copiosa luz; as duas dos lados são de peitoril, mas muito grandes e tem grades de ferro e*





Livro de Horas de Tibães. (Biblioteca Pública Municipal do Porto).  
Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

vidraças; e a do meio é rasgada até o pavimento da Livraria e também separada com vidraças e grade de ferro. Compõem-se as estantes de 24 corpos, ou divisões, além do pequeno corpo de três bancos que fica por cima da porta da entrada. Cada um destes corpos tem nove bancos e são guarnecidos com frisos e remates de folhagens de madeira do Brasil trabalhados ao gosto antigo. Tem mais esta Casa duas grandes Mesas, ou antes como balcões cobertos de pano verde, com estantes por todos os lados, parte das quais são fechadas de armários e as outras abertas. Estes servem para Depósito dos Livros que já não cabem nas estantes (**neste ano de 1800**); e aquelas guardam os Manuscritos que tinha este mosteiro os que a ele recolheram dos outros Mosteiros da Congregação para sua melhor guarda: não entrando os de S. Bento da Saúde de Lisboa, os do Colégio de Coimbra<sup>66</sup> e alguns outros. Há também, por baixo de cada Divisão ou Corpo das Estantes, Gavetas que correm sobre o próprio pavimento da Livraria e nela se guardam papéis avulsos, Conclusões, ou Programas científicos, Livros velhos e dilacerados, etc., etc. Tem mais duas Mesas pequenas que estão nos vãos das duas janelas de peitoril e em cada uma sua estante pequena para encostar os livros por donde se está lendo. Ao pé de cada uma destas mesas está um banco pequeno e há mais em toda a casa tamborettes. Para se tirarem os livros dos bancos superiores há uma escada de mão de dobradiças e há outra grande, que se move sobre roldanas de bronze e tem em cima seu como varandil de parapeito assaz cómodo para poder estar uma pessoa assentada e consultar, ali mesmo, o livro que procura. Isto é em suma o que pertence ao material da casa. Pelo que respeita ao formal é ela copiosa e rica de bons livros, e sem duvida alguma a melhor desta Provincia”<sup>67</sup>.

Mereceu visita de estrangeiros<sup>68</sup> e foi alvo da inspeção de Alexandre Herculano, o primeiro a desmembrá-la<sup>69</sup>. Com efeito, nomeado para a Comissão de avaliação das extintas bibliotecas conventuais e enquanto funcionário da Biblioteca do Porto, entendeu transferir para aquela instituição as “obras melhores”, conforme atesta a declaração apensa ao Inventário de 1834<sup>70</sup>.

Cícero – amante das letras e da cultura – escreveu

“*Si apud bibliothecam hortulum habes, nihil deerit?*”

**Que coisa te falta se tens uma biblioteca que dá para um jardim?**

Com efeito, os monges tibanenses e muitos dos que por lá passaram usufruíram deste espaço bem localizado, apetrechado e destinado a servir a comunidade na sua dimensão espiritual e pastoral, científica e laboral, cultural e lúdica.

A Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães é sinal eloquente da *Memória Beneditina*<sup>71</sup> e da rota da Congregação que lhe deu origem. Em boa hora é relembrada pelo empenho institucional da valorização de um património de matriz sagrada que insiste em sobreviver.



Imagem virtual do futuro Centro de Informação do Mosteiro de Tibães na sala da antiga Livraria beneditina.

Fotografia de Jorge Inácio/MSMT

## Notas

<sup>1</sup> Agradeço reconhecidamente a Manuela D. Domingos, Luís Farinha Franco e Anabela Ramos, as sugestões fornecidas.

<sup>2</sup> Arquivo Distrital de Braga (ADB) – *Índex da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1798. A análise qualitativa deste repositório privilegiado do património literário beneditino potenciará a actual missão cultural de Tibães (DRCN), como pólo e referência para os antigos mosteiros e espaços beneditinos do Norte de Portugal.

<sup>3</sup> Em 1569, na sequência do Concílio de Trento, o Cardeal D. Henrique nomeia Frei Pedro de Chaves, Reformador e primeiro Geral da Congregação Portuguesa. O Mosteiro de S. Martinho de Tibães é designado como "Cabeça" da Congregação, chegando a assumir a tutela de 22 mosteiros, para além dos do Brasil (cuja primeira fundação veio a ocorrer entre 1581 e 1582). Como exemplos, no Entre-Douro e Minho, os monges negros detinham Pombeiro e Rendufe; no Porto, S. Bento da Vitória; em Lisboa, S. Bento da Saúde e o Colégio da Estrela. (Cf. Gabriel de SOUSA – «O Mosteiro de Tibães: cabeça da Congregação de S. Bento de Portugal» in *Ora & Labora*. Mosteiro de Singeverga, Ano XXVII, n. 2 (1981), p. 84-98.

<sup>4</sup> Adrien BALBI – *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe*. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, 1822, 2 t. Consultada a edição facsimilada de 2004, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com prefácio de Romero de Magalhães, t. 2, p. 92.

<sup>5</sup> *Essai Statistique...*, p. 90.

<sup>6</sup> Aida MATA; Anabela RAMOS; Maria José SOARES – «Manuscritos da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães» in FORUM. Braga: Universidade do Minho, n. 27 (2000), p. 69-124.

<sup>7</sup> ANTT – *Inventário da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, 1834*. O fl. 14 regista "livros vadios? [vários] em pergaminho" e entre a estante I e a estante L, "vários livros velhos e alguns truncados"; os fl. 17 e 23 mencionam duplicados e "livros vários em pergaminho"; os numerosos periódicos vêm referenciados no fl. 27v; no final do arrolamento registam-se ainda "livros truncados em pergaminho e pasta".

<sup>8</sup> Luís Oliveira RAMOS – «Os monges e os livros no século XVIII: o exemplo da biblioteca de Tibães» in *Sob o signo das Luzes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, p. 119-130; Ademar Ferreira dos SANTOS – *Mosteiro de Tibães. 1834-1864: 30 anos para perder o rasto a uma memória de séculos*. Braga, 1987; António de Barros CARDOSO – *Ler na Livraria de Frei Francisco de S. Luís Saraiva*. Ponte de Lima: Câmara Municipal, 1995.

<sup>9</sup> Cf. títulos dos periódicos estrangeiros existentes na Livraria na p. 8 deste artigo.

<sup>10</sup> Trata-se do incunábulo *Supplementum Summae Pisanellae*, Veneza, 1474, obra de Teologia Moral do franciscano Nicolau de Ausmo †1454 (*Summa casuum conscientiae Pisana*) e do periódico *Correio do Porto* (1829).

<sup>11</sup> Arquivo do Mosteiro de Singeverga (AMS) – *Livro das Alfayas de todas as oficinas e quintas deste Mosteiro de S. Martinho de Tibães feito no ano de 1750*, fl. 67-68. Sobre os abades mencionados e respectivos retratos cf. José MATOSO – «O Colégio Beneditino da Estrela no princípio do século XIX: uma questão monástica» in *Revista Municipal*. Lisboa, 64 (1955), pp. 5-19; 65 (1955), pp. 28-45; 66 (1955), pp. 33-49; 67 (1955), pp. 41-57.

<sup>12</sup> Fr. Tomás de AQUINO – *Elogios dos Reverendíssimos Padres DD. Abades Gerais da Congregação Benedictina do Reyno de Portugal*. Porto: Na Offic. de Francisco Mendes Lima, 1767, p. V-VI (da Dedicatória). D. Frei Manuel Caetano do Loreto – filho de Manuel Pires de Almeida e de Brígida Josefa Valente, nasce a 25 de Dezembro de 1724, em Bedoído (Estarreja). Veste o hábito em Santo Tirso a 2 de Agosto de 1745. Doutorado por Coimbra em 1755, foi durante seis anos sucessivos Secretário da Congregação. Entre 1758 e 1773 desempenha funções de bibliotecário, mestre de Moral e confessor em Tibães. É nomeado Abade Geral por duas vezes: 1767-1770 e 1792-1795.

<sup>13</sup> D. Frei Joaquim de Santa Teresa – natural de Guiães (Vila Real), colegial em Coimbra entre 1758 e 1761 é ali nomeado sub-prior desde 1761 até 1764, ano em que transita para Rendufe como mestre de Artes até 1767. Abade do Mosteiro de S. Bento da Saúde em 1780, ascende a Abade Geral (1783-1786), tendo sido reconduzido ao cargo por Breve Apostólico até 1789. *O Plano e Regulamentos dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal* (1789), que teve como principal autor Frei Joaquim de Santa Clara, foi elaborado sob a sua tutela. Cf. Gabriel de SOUSA – «Benedictinos» in Banha de ANDRADE (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Editorial Resistência, 1983, v. 2, p. 372.

<sup>14</sup> D. Frei Bernardo da Esperança Teles – filho de Bernardo Teles Sottomayor e de Antónia Joaquina Dias, nasce a 3 de Maio de 1745 em Tondela (Viseu). Morre em Tibães a 2 de Janeiro de 1798. Ali professara em 1761 e encontramo-lo colegial e cantor em Coimbra entre 1767 e 1770. Eleito cronista da Congregação em 1789, é Abade do Colégio da Estrela entre 1792-1795 e, no triénio seguinte, Abade Geral. Estudioso das humanidades, detentor de um gabinete de medalhas e antiguidades, conforme notícia o *Almanaque de Lisboa* desde 1788 (p. 329) a 1797 (p. 395), traduz do inglês, *Considerações cristãs sobre as principais verdades e obrigações da nossa religião* (Lisboa: Na Regia Officina Typographica, 1787). Esta obra de espiritualidade é da autoria de Richard Challoner (1691-1781), escritor prolixo e bispo católico de Debra, cuja vida e actividade – profundamente admiradas por Frei Bernardo – foram decisivas para a consolidação da liberdade de culto dos católicos em Inglaterra.

<sup>15</sup> D. Frei Manuel de Santa Rita Vasconcelos – filho de José Manuel de Almeida Leitão e Vasconcelos e de Jacinta Teresa, toma o hábito em Tibães a 29 de Janeiro de 1767. Colegial e conventual em Coimbra até 1777, é eleito Abade de São Bento da Saúde em 1795-1798 e da Estrela em 1789-1792. Frei Francisco de S. Luís elogia a sua actividade como Abade Geral. Em 1801 sucede-lhe no cargo seu irmão Frei José de Santa Rosa Vasconcelos.

<sup>16</sup> Luís A. de Oliveira RAMOS – «Os beneditinos e a Cultura: ressonâncias da Ilustração» in *Revista da Faculdade de Letras*. Universidade do Porto, v. I (1984), p. 159-186.

<sup>17</sup> Guillaume DE BURE – *Bibliographie Instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*. Paris: Chez G. F. de Bure, Le Jeune Libraire, 1763-1768, 6 v.

<sup>18</sup> Exemplar do século XVIII com pertence de Tibães, talvez do punho de Frei Francisco de S. Luís.

<sup>19</sup> Frei Bernardo da Cruz, que sucede a Frei António de Sá, é o último Comendatário de Tibães. Exerceu o cargo entre 1550 e 1565, enriquecendo em número e qualidade os objectos de culto. Organizou o cartório, acomodou o necessário para a hospedaria e melhorou as alfaias para a manutenção da cerca. Natural do Arcebispado de Braga, da Ordem de S. Domingos, fora nomeado Bispo de S. Tomé pelo Papa Paulo III a 24 de Setembro de 1540, não constando, contudo, que aí se tivesse deslocado até à renúncia do Bispado (1543). Por provisão de 28 de Abril de 1541 é nomeado Reitor da Universidade de Coimbra por D. João III e encarregado de estabelecer a Inquisição naquela cidade, cargo que iniciou a 15 de Outubro

de 1541. D. Bernardo gozava de fama de grande teólogo, a ponto de ser recomendado ao rei para participar no Concílio de Trento. No entanto, o seu "pedido de escusa de não ir" por enfermidade, acabaria por ser aceite a 21 de Julho de 1562. Para a sua biografia cf. Manuel Augusto RODRIGUES – *A Universidade de Coimbra e os seus reitores*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990, p. 50-51, com retrato na p. 451; José de CASTRO – *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa: União Gráfica, 1945, v. IV, p. 381-383; Fortunato de ALMEIDA – *História da Igreja em Portugal*. Porto; Lisboa: Livraria Civilização, 1968, v. II, p. 405, p. 492, p. 536; p. 716 e notas 6 e 7; Luís Augusto Rebelo da SILVA – *Corpo Diplomático Português*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, t. IV, p. 328-329; 336-337; Anabela RAMOS; Paulo OLIVEIRA – «Mosteiro de São Martinho de Tibães: dos Abades Comendatários à afirmação da Congregação de São Bento (1530-1601)» in *Património: Estudos*. IPPAR, n. 5 (2003), p. 51-60.

<sup>20</sup> Arquivo do Mosteiro de Singeverga – *Livro das Alfayas de todas as officinas e quintas deste Mosteiro de S. Martinho de Tibaens feito no ano de 1750*, fl 67: "Açam-se nesta Livraria alguns livros do Comendatario que foi deste mosteiro e do de Carvoeiro, D. Bernardo, Bispo de S. Thomé da Sagrada Ordem dos Pregadores, os quaes ele deo à mesma Livraria ou ficarão por seu falecimento que succedeo no dia de Páscoa de 1565".

<sup>21</sup> Paulo OLIVEIRA – *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção: 1800-1834*. Braga: Palimage Editores, 2005, p. 66-69.

<sup>22</sup> BNP, RESERVADOS, COD 11237 – Frei Luís dos Serafins SARAIVA – «Memorias sobre o Estado actual dos Mosteiros que vou vizitando, sendo 2.<sup>a</sup> vês Secretario da Congregação, depois que sahirão os Francezes» in *Memorias que escrevo e posso coligir para servir à Historia da nossa Congregação, 1814*, fl. 96v: "Na Livraria arrombarão os armários dos manuscritos; levantarão a taboa das mezas para ver se debaixo haveria dinheiro escondido; quebrarão os globos geográficos e astronómicos e só furtarão huns três volumes de viagens intitulados viagens de Kook".

<sup>23</sup> Sobre o percurso dos monges egressos e a tentativa de restauração de Tibães como Casa-Mãe veja-se Gabriel de SOUSA – *Mosteiro de Singeverga: Cem Anos de Vida Beneditina*. Ed. Ora & Labora, 1992, p. 35-52; p. 142-147.

<sup>24</sup> Luís Farinha FRANCO; Ana Isabel Líbano MONTEIRO – *Leilões de livros: erudição, coleccionismo e negócio: séculos XVIII-XX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002 (com a "Relação das pessoas que adquiriram e preços por que foram vendidos os livros da Bibliotheca do Mosteiro de Palme em leilão realizado em 5 de Abril de 1915: espécies raras e raríssimas"), p. 34-35 e ainda leilão em Lisboa, no ano de 1967, onde se venderam exemplares do uso de Frei Bento de Santa Gertrudes, conforme consta de Gabriel de SOUSA – *Escritores beneditinos naturais da cidade do Porto*. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1997, p. 59.

<sup>25</sup> Paulo OLIVEIRA – *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção: 1800-1834*. Braga: Palimage Editores, 2005, p. 227.

<sup>26</sup> Maria Adelaide Salvador MARQUES – *A Real Mesa Censória e a cultura nacional*. Coimbra, 1963, p. 32-33.

<sup>27</sup> Luís A. de Oliveira RAMOS. *Um intelectual de setecentos: D. Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1984.

<sup>28</sup> ADB – Inventário do Fundo Monástico Conventual, n. 489 – *Livro do Recibo e Despesa pertencente à Livraria deste Mosteiro de Tibaens, 1758*, fls 40v-66v.

<sup>29</sup> *Dictionnaire Encyclopedique du Livre* (dir. Pascal FOUCHÉ; pref. Henri Jean MARTIN). Paris: Cercle de La Librairie, 2002, v. 1, p. 261-268.

<sup>30</sup> Estes livros alimentavam numerosas horas de oração comum, ofícios divinos, meditação e estudo diário dos monges: Capítulos IX, XXXVIII e LXXIII da *Regra do Glorioso Patriarca S. Bento*. Mosteiro de Singeverga: Edições "Ora et Labora", 1951.

<sup>31</sup> Referência gentilmente cedida pela Divisão de Reservados da Biblioteca Municipal do Porto.

<sup>32</sup> Frei Bernardo de Braga – filho de Álvaro de Valadares e de Ana Freire, fora baptizado na Paróquia da Cidade (S. Tiago) a 4 de Março de 1598. Tomou o hábito beneditino em Santo Tirso a 8 de Novembro de 1612 e professou em 1613. Depois de estadia em Tibães, fez estudos em Coimbra e foi Abade de Ganfei (Valença do Minho). Mestre, Lente e Procurador-Geral na Cúria do Porto, transitou para o Brasil no Inverno de 1640-41, assumindo o governo do Mosteiro de S. Sebastião da Baía (1644-1647) e de Pernambuco (1647-1650). Nesse mesmo ano nomeado Provincial da Ordem de S. Bento do Brasil, só cessaria em 1656, vindo a falecer na Baía a 8 de Março de 1662. Orador fluente e prestigiado, comprometido nos tempos difíceis da Restauração e da guerra com os holandeses, Bernardo de Braga deixou obra escrita, elogiada por INOCÊNCIO Francisco da Silva – *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, t. I, p. 371-372; t. 8, p. 391.

<sup>33</sup> Destacamos a *Primazia Monárquica* em que o autor reforça a primogenitura do monacato pelo Patriarca S. Bento, refutando a tese de um carmelita que a impugnar. Tratando-se de um tema polémico, surge sem licenças de impressão e numa tipografia estrangeira: Rouen. Cf. Gabriel de SOUSA – «Um Monge Além-Mar na época da Restauração: Frei Bernardo de Braga», *Separata da Revista Bracara Augusta*, v. 22, n. 51-54 (1968).

<sup>34</sup> Dom Bernard de Montfaucon (1655-1741) – erudito beneditino francês (Congrégation de Saint Maur). As suas obras sobre Antiguidade e História Eclesiástica obtiveram enorme divulgação em sucessivas reedições nas línguas inglesa, alemã e latina. Com Jean Mabillon (1632-1707), também beneditino, configurou a Paleografia e a Diplomática como ciências auxiliares da História, no decurso da ampla polémica Seiscentista – com outros estudiosos das fontes, jesuítas e carmelitas – sobre fundações, precedências e posses das ordens religiosas.

<sup>35</sup> António Vieira (1712-1797) – filólogo e professor de inglês, espanhol, italiano, árabe e persa no Trinity College de Dublin, cidade onde viveu entre 1779 e 1789.

<sup>36</sup> *OS LUSÍADAS, 1572-1972: Exposição Bibliográfica Iconográfica e Medalhística de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972, p. 91-92.

<sup>37</sup> J. Leite de VASCONCELOS – *Emblemas de Alciati explicados em português*. Porto: Renascença Portuguesa, 1917. Tipicamente barroca, a representação emblemático-alegórica, agregava dois elementos, o visual e o verbal, quase sempre aliados a uma mensagem com intuito moral.

<sup>38</sup> ADB – *Índex da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1798, fl. 118v.

<sup>39</sup> Henrique LEITÃO – *Pedro Nunes (1502-1578): novas terras, novos mares*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 107.

<sup>40</sup> *Regra do Glorioso Patriarca S. Bento*. Mosteiro de Singeverga: Edições "Ora et Labora", 1951, p. 64: "Os hóspedes sejam recebidos como se fosse Cristo em pessoa" (Capítulo LIII).

<sup>41</sup> Assim o confirma Frei Luís dos Serafins no «Mappa que se pedio a Congregaçam pela Secretaria de Estado sendo eu Secretario da Congregaçam no anno de 1803» in *Memorias que escrevo e posso coligir para servir de Historia da nossa Congregação*, 1814, fl. 85 do COD. 11237 da Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>42</sup> Oliveira MOUTA – «Camilo e os Frades» in *Mensageiro de S. Bento*. Mosteiro de Singeverga. Ano X: n. 4-12, Ano XI: n. 3-4 (1941-1942).

<sup>43</sup> Paulo J. S. BARATA – *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003, p. 107-108.

<sup>44</sup> Manuela D. DOMINGOS – *Bertrand: uma livraria antes do Terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

<sup>45</sup> Pedro Vilas Boas TAVARES – «A biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado, D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga: 1758-1789» in *Actas*. Braga: Universidade Católica, 1990. v. 2 (2), p. 273-302.

<sup>46</sup> ADB – *Livro do Recibo e Despesa pertencente à Livraria deste Mosteiro de Tibaens*, 1758.

<sup>47</sup> *Ibidem*, fl. 57-58.

<sup>48</sup> *Ibidem*, fl. 57v.

<sup>49</sup> *Ibidem*, fl. 58.

<sup>50</sup> As biografias completas e documentadas dos livreiros mencionados anteriormente constam da obra de Manuela D. DOMINGOS – *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

<sup>51</sup> *Recoveiro* ou almocreve que vivia do transporte de materiais por meios terrestres ou fluviais. Para todos os significados adiante descritos – e salvaguardando-se as especificidades e variantes regionais – recorreu-se a Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 10 v.; Maria Isabel FARIA; Maria da Graça PERICÃO – *Novo Dicionário do Livro*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1999.

<sup>52</sup> ADB – *Livro do Recibo e Despesa pertencente à Livraria deste Mosteiro de Tibaens*, 1758, fl. 44-45 e fl. 57. Optou-se pela grafia actualizada.

<sup>53</sup> *Ibidem*, fl. 46v (ano de 1767)

<sup>54</sup> *Ibidem*, fl. 57 (ano de 1773)

<sup>55</sup> *Ibidem*, fl. 59 (ano de 1773). Referência provável ao bellissimo Livro de horas, iluminado, hoje pertencente à Biblioteca Pública do Porto e reproduzido no Ciclo de Postais de Natal da mesma instituição.

<sup>56</sup> *Ibidem*, fl. 60 (ano de 1773). Ignoramos ainda de que livreiro ou encadernador (?) com loja aberta em Braga, se tratava, mesmo após consulta da obra de Matias LIMA – *Encadernadores Portugueses: nótulas biográficas e críticas*. Porto: Ed. do Autor, 1956 (que noticia 15 encadernadores em Braga entre os séc. XVI-XIX) e António Henrique Tavares e CASTRO – *Officinas Tipográficas em Portugal no Entre-Douro-e-Minho (1601-1750)*. Lisboa: Universidade Nova, 1991 [Tese de mestrado policopiada] que noticia em 1734 o tipógrafo Francisco Duarte da Mata (p. 29).

<sup>57</sup> *Ferros dos livros* – não se trata dos fechos dos livros, mas de ferros destinados à ornamentação das lombadas e pastas. Eram, normalmente, de cobre ou latão, em forma de filetes, vinhetas ou florões.



<sup>58</sup> *Carneiras* – pele de carneiro tratada, com que se encadernavam os livros.

<sup>59</sup> *Mão de papel* – correspondia a vinte e cinco folhas de papel dobradas. O papel pintado, isto é, colorido ou estampado, era utilizado para as guardas dos livros e, muitas vezes, para o seu revestimento exterior.

<sup>60</sup> *Arrátel* – aprox. 450 gramas.

<sup>61</sup> *Pasta* – peça de material mais ou menos rígido que se aplica contra o primeiro e último fólhos do volume, destinada à sua protecção. Pode revestir-se de diferentes materiais: pele, pergaminho, papel ou tecido.

<sup>62</sup> *Surrador* – artesão que desbastava as peles.

<sup>63</sup> *Bezerras* – refere-se à pele de vitela que servia para encadernação.

<sup>64</sup> *Marroquim* – pele de cabra ou bode, assim chamada por vir de Marrocos ou de outra parte da Berberia. Em período posterior passou a significar tecido.

<sup>65</sup> ADB – *Livro do Recibo e Despesa...*, fl. 66v (ano de 1779).

<sup>66</sup> Certamente porque neles existiam boas condições de preservação e eram de consulta frequente.

<sup>67</sup> Arquivo do Mosteiro de Singeverga – *Livro das Alfayas de todas as oficinas e quintas deste Mosteiro de S. Martinho de Tibaens feito no ano de 1750*, fl. 65-65v.

<sup>68</sup> W.M. KINSEY – *Portugal Illustrated*. London: Treuttel, Würtz and Richter, 1828, p. 276; Camilo CASTELO BRANCO – “Um viajante no Minho em 1785” in *Mosaico e Silva*. Porto: Lello & Irmãos, 1968, p. 235.

<sup>69</sup> Ademar Ferreira dos SANTOS – *Mosteiro de Tibães. 1834-1864: 30 anos para perder o rasto a uma memória de séculos*. Braga, 1987. Esta inspecção de Herculano foi realizada no âmbito de uma vasta operação de incorporações dos espólios dos extintos conventos, que se prende com perspectivas diversas quanto ao património, nos primórdios do Liberalismo.

<sup>70</sup> ANTT – *Inventário da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, 1834* (Declaração Anexa).

<sup>71</sup> Frei Leão de SÃO TOMÁS – *Benedictina Lusitana* (Pref. de José MATOSO). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974. T. 1, p. XI-LV.

## Bibliografia

### Manuscritos

Biblioteca Nacional de Portugal (BP) – SARAIVA, Frei Luís dos Serafins – *Memo-  
rias que escrevo e posso coligir para servir à História da nossa Con-  
gregação*, 1814.

Cota: COD. 11237.

Arquivo Nacional/Torre do Tombo (ANTT) – AHMF: Mosteiro de S. Martinho de  
Tibães – *Inventário da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1834.

Cota: Cx 2256.

Arquivo Distrital de Braga (ADB) – *Índex da Livraria do Mosteiro de S. Martinho  
de Tibães*, 1798.

Cota: Ms 950.

IDEM – Inventário do Fundo Monástico Conventual, n. 489 – *Livro do Recibo e  
Despesa pertencente à Livraria deste Mosteiro de Tibaens*, 1758.

Arquivo do Mosteiro de Singeverga (AMS) – *Livro das Alfayas de todas as  
officinas e quintas deste Mosteiro de S. Martinho de Tibaens feito  
no ano de 1750*.

### Impressos

ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Porto; Lisboa: Livraria  
Civilização, 1968, 4 v.

ANDRADE, A. Banha de (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*.  
Lisboa: Editorial Resistência, 1983.

AQUINO, Frei Tomás de – *Elogios dos Reverendíssimos Padres DD. Abades  
Gerais da Congregação Benedictina do Reyno de Portugal*. Porto:  
na Ofic. de Francisco Mendes Lima, 1767.

BALBI, Adrien – *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve,  
comparé aux autres états de l'Europe*. Paris: Chez Rey et Gravier,  
Libraires, 1822, 2 v. (reimpresso por Lisboa: Imprensa Nacional-

-Casa da Moeda/Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004).

BARATA, Paulo J. S. – *Os livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

BLUTEAU, Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 10 v.

CARDOSO, António de Barros – *Ler na Livraria de Frei Francisco de S. Luís Saraiva*. Ponte de Lima: Câmara Municipal, 1995.

CASTRO, António Henriques Tavares e – *Oficinas Tipográficas em Portugal no Entre-Douro-e-Minho: 1601-1750*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991 (Tese de mestrado fotocopiada).

CASTRO, José de – *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa: União Gráfica, 1944-1946, 6 v.

DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho – «Os Beneditinos Portugueses e a missão». Braga. Sep. *Bracara Augusta*, vol. XXXVIII, fasc. 85-86 (98-99), 1984.

DOMINGOS, Manuela D. – *Bertrand: uma livraria antes do Terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

DOMINGOS, Manuela D. – *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça – *Novo Dicionário do Livro*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1999

FOUCHÉ, Pascal (dir.) – *Dictionnaire Encyclopedique du Livre*. Paris: Cercle de La Librairie, 2002, 2 v.

FRANCO, Luís Farinha; MONTEIRO, Ana Isabel Líbano – *Leilões de livros: erudição, colecionismo e negócio: séculos XVIII-XX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

FRANCO, Luís Farinha – «Paleografia e Diplomática» in *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*. [Lisboa]: Alfa, 1985, v. 2, p. 76-77.

INOCÊNCIO Francisco Maria da Silva – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1958, 23 v.

LEITÃO, Henrique – *Pedro Nunes (1502-1578): novas terras, novos mares*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

- MARQUES, Maria Adelaide Salvador – *A Real Mesa Censória e a cultura nacional*. Coimbra, 1963 (Sep. do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, v. 26).
- MATA, Aida; RAMOS, Anabela; SOARES, Maria José – «Manuscritos da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães» in *FORUM*. Braga: Universidade do Minho, n. 27 (2000), p. 69-124.
- MATOSO, José – «O Colégio Beneditino da Estrela no princípio do século XIX: uma questão monástica» in *Revista Municipal*. Lisboa, 1955.
- MOUTA, Oliveira – «Camilo e os Frades» in *Mensagem de S. Bento*. Mosteiro de Singeverga, 1941-42, A. X-XI.
- OLIVEIRA, Paulo – *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção: 1800-1834*. Braga: Palimage Editores, 2005.
- OSLUSÍADAS, 1572-1972: *Exposição Bibliográfica Iconográfica e Medalhística de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.
- QUEIRÓS, Francisco; PAIXÃO, Braga; SANTOS, Mauro, OSB – «D. Frei Francisco de S. Luís» in *Mensagem de S. Bento*. [S.l.: s.n], 1945 (Ilustrado).
- RAMOS, Anabela; OLIVEIRA, Paulo – «Mosteiro de S. Martinho de Tibães: dos Abades Comendatários à afirmação da Congregação de São Bento (1530-1601)» in *Património: Estudos*. IPPAR, n. 5 (2003), p. 51-60.
- RAMOS, Luís A de Oliveira – «Os beneditinos e a Cultura: ressonâncias da Ilustração» in *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Universidade do Porto, v. I (1984), p. 159-186.
- IDEM – *O Cardeal Saraiva*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972.
- IDEM – «Os monges e os livros no século XVIII: o exemplo da biblioteca de Tibães» in *Sob o signo das Luzes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 119-130.
- Regra Do Glorioso Patriarca S. Bento*. Mosteiro de Singeverga: Edições “*Ora et Labora*”, 1951.
- RODRIGUES, Manuel Augusto – *A Universidade de Coimbra e os seus reitores*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990.

- SANTOS, Ademar Ferreira dos – *Mosteiro de Tibães. 1834-1864: 30 anos para perder o rasto a uma memória de séculos*. Braga, 1987.
- SÃO TOMÁS, Frei Leão de – *Benedictina Lusitana* (pref. de José MATOSO). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974.
- SARAIVA, Cardeal – *Obras Completas* (int. Marquês de Resende; ed. lit. António Correia Caldeira). Lisboa: Imprensa Nacional, 1872-1883, 10 v.
- SILVA, Luís Augusto Rebelo da – *Corpo Diplomático Português*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1862-1891, 16 v.
- SOUSA, Gabriel de – *Escritores beneditinos naturais da cidade do Porto*. Porto: Arquivo Distrital, 1997.
- SOUSA, Gabriel de – «Um ilustre tirsense, egresso beneditino» in *Boletim Cultural do Concelho de Santo Tirso*. Porto, v. 3: n. 1 (1954) .
- SOUSA, Gabriel de – *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina*. Mosteiro de Singeverga: Ed. Ora & Labora, 1992.
- SOUSA, Lourenço Lencastre de – «Apontamentos bio-bibliográficos sobre os impressores e livreiros bracarenses nos séculos XVII e XVIII» in *MUSEU*, Sep. IV Série, n. 4 (1995), p. 81-96.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas – «A biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado, D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga: 1758-1789» in *Actas*. Braga: Universidade Católica, v. 2: n. 2 (1990), p. 273-302.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Emblemas de Alciati explicados em português*. Porto: Renascença Portuguesa, 1917.